



NÃO PINTCHA

● ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO ●

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

AMIZADE COM A COREIA

O camarada Francisco Mendes, Comissário Principal do Conselho dos Comissários, recebeu do Primeiro-Ministro da República Popular Democrática da Coreia Pak Seung Tcheul um telegrama do seguinte teor:

«Agradeço-vos profundamente o ter-me felicitado calorosamente, em nome do Povo, do Partido e do Governo de Guiné-Bissau, assim como no vosso próprio nome, pela minha eleição para o cargo de Primeiro-Ministro do Conselho da Administração da República Popular Democrática da Coreia e desejo-vos sinceramente grandes sucessos no vosso trabalho para a construção de uma sociedade nova».

PRESIDENTE LUIZ CABRAL NA SUÉCIA

Finda a sua visita de amizade à Jugoslávia, o Presidente do Conselho de Estado, camarada Luiz Cabral, inicia hoje uma visita a outro país amigo: a Suécia. Discutirá com os dirigentes suecos e, em especial, com o Primeiro-Ministro Olof Palme, o auxílio que a Suécia tem prestado ao nosso país, desde os tempos da luta armada de libertação nacional.

O camarada Luiz Cabral, que é acompanhado por uma importante comitiva de catorze membros, da qual fazem parte três comissários de estado, manteve conversações, durante a sua visita oficial de quatro dias à Jugoslávia, com o Presidente Josip Broz Tito, e com o Presidente do Executivo Federal, Bijedic.

Os dois chefes de estado trocaram opiniões sobre os problemas internacionais da actualidade e examinaram problemas tocantes às relações bilaterais.

Com o chefe do Governo de Belgrado, o Presidente Luiz Cabral examinou questões relacionadas com a extensão da cooperação entre a Jugoslávia e o nosso país.

A fim de receber em Bissau o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, o camarada Luiz Cabral é aguardado de regresso ao nosso país no fim desta semana.

ENCONTRO COM A SIDA

ESTOCOLMO (AFP) — O Presidente Luiz Cabral, chegou ontem à tarde a Estocolmo, vindo de Belgrado, para uma visita oficial de quatro dias, a convite do Governo sueco. Foi acolhido à sua chegada ao aeroporto pelo Primeiro-Ministro sueco, Olof Palme, e pelo ministro da Assistência e da Cooperação Internacional, Gertrud Sigurdson, com quem terá hoje conversações que basear-se-ão nomeadamente na ajuda económica sueca à Guiné-Bissau. O Presidente Luiz Cabral será hoje à noite, distinguido com um jantar oferecido em sua honra pelo ministro dos Negócios Estrangeiros.

Amanhã, o Presidente Luiz Cabral terá conversações com Olof Palme, e ser-lhe-á oferecido um almoço, no palácio real, pelo príncipe Bertil. O Presidente da Guiné-Bissau terá igualmente um encontro com os representantes da agência sueca para o desenvolvimento internacional (SIDA).

MINISTRO DA DEFESA DE TIMOR-LESTE CONTACTA COM AS FARP

Centrais

O FIM DO MITO DA INVENCIBILIDADE DOS MERCENÁRIOS

Centrais

A BULGÁRIA VAI AJUDAR-NOS NA AGRICULTURA

Pág. 8

OUA: COMITÉ DE LIBERTAÇÃO REUNIDO NA TANZÂNIA

Pág. 7

CONFERÊNCIA MINISTERIAL DA CONCP EM S. TOMÉ CIMEIRA EM JULHO, EM LUANDA

Terminou em S. Tomé na passada segunda-feira, a reunião ministerial da antiga «Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas», que reunia delegações da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, da República Popular de Angola, da República Popular de Moçambique, da República de Cabo Verde e do nosso país. Um comunicado publicado no final da

reunião indica nomeadamente que foi recomendada a realização de encontros entre os países membros da ex-CONCP, tanto a nível ministerial como a nível de chefes de estado, bem como entre comissões técnicas de cooperação. De Luanda, a agência Jugoslava «Tanjug» noticiou que «devem reunir-se em Julho, na capital angolana, os Presidentes das Repúblicas de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe», que aprovarão um projecto de cooperação esboçado no encontro ministerial de S. Tomé.

As delegações que estiveram reunidas de 28 a 31 do mês passado na capital são-tomense, eram dirigidas: a de S. Tomé e Príncipe, por Leonel D'Alva, ministro dos Negócios Estrangeiros; a de Angola, por Seydi Mingas, ministro das Finanças; a de Moçambique, por Óscar Monteiro, ministro de Estado da Presidência; a de Cabo Verde, por Abílio Duarte, ministro dos Negócios Estrangeiros; e do nosso país, por Fidélis d'Almada, comissário de Justiça.

Na nossa edição de hoje, publicamos o comunicado final da reunião ministerial de S. Tomé, que encerrou com uma sessão presidida pelo camarada Manuel Pinto da Costa, Presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe. Publicamos igualmente os breves discursos pronunciados na ocasião.

COMUNICADO FINAL

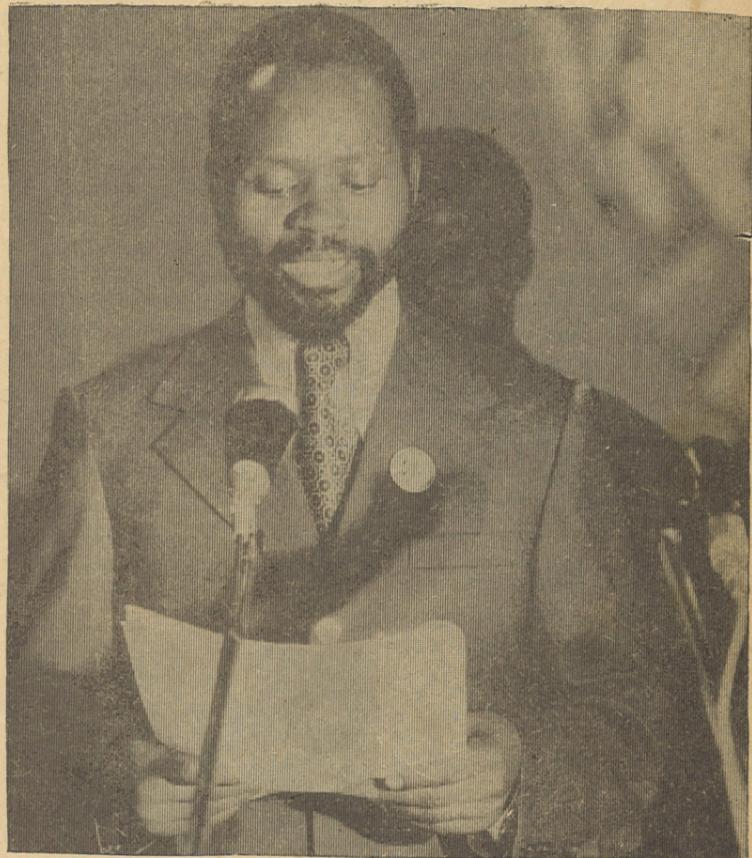
«De 28 a 31 de Maio de 1976, reuniram em S. Tomé, capital da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, as delegações ministeriais da República Popular de Angola, da República de Cabo Verde, da República da Guiné-Bissau, da República Popular de Moçambique e da República Democrática de S. Tomé e Príncipe.

A sessão de abertura foi presidida pelo Secretário-Geral do MLSTP e Presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, camarada Manuel Pinto da Costa, que proferiu um importante discurso, que foi na

(Continua nas páginas centrais)

NINO VIEIRA REGRESSOU

Regressaram ontem de Cabo Verde os camaradas João Bernardo Vieira (Nino), membro do Secretariado Permanente do Comité Executivo da Luta do Partido e comissário de Estado das Forças Armadas, e Paulo Correia, membro do CEL do Partido e Presidente do Comité de Estado da região de Bissau, que se tinham deslocado na semana passada ao país irmão, em visita privada.



O nosso povo prepara-se já para receber, no princípio da próxima semana, o Presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique, camarada Samora Machel. Bissau apresenta já os primeiros indícios dos dias de festa que se aproximam e as organizações de massa e os comités de base do Partido mobilizam-se para dispensar ao dirigente moçambicano uma grandiosa recepção, tal como outras realizadas na nossa terra livre.

De acordo com informações divulgadas, o Presidente Samora Machel, que deixará Maputo no domingo, acompanhado por uma comitiva de cerca de quatro dezenas de pessoas, visitará o nosso país durante três dias, deslocando-se igualmente à República irmã de Cabo Verde.

1.º VOLUME DAS OBRAS ESCOLHIDAS DE AMÍLCAR CABRAL

Chegou a Bissau na passada terça-feira o camarada Mário de Andrade, revolucionário e intelectual angolano, velho amigo do nosso Partido e do nosso povo, que permanecerá a trabalhar connosco durante algum tempo.

Anuncia-se, entretanto, a publicação pela «Seara Nova», de Lisboa, do primeiro volume das Obras Escolhidas de Amílcar Cabral, em português. Trata-se de uma tradução da edição francesa das Obras, coordenada e orientada pelo camarada Mário de Andrade, por incumbência da Direcção do nosso Partido. O segundo volume da edição portuguesa da «Seara» deverá sair por ocasião do vigésimo aniversário do P. A. I. G. C.

DIA INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Em todo o país, as crianças festejaram anteontem o seu dia. Foi nas escolas, juntamente com os professores, pais, dirigentes e amigos, que se realizaram, principalmente, as celebrações. Em Bissau, foram organizadas diversas actividades recreativas, desportivas e culturais, nos estabelecimentos de ensino, para assinalar o Dia Internacional das Crianças. Ao Internato de Bor «Frantz Fanon» e ao jardim-escola «Titina Silá», de Bissalanca, deslocaram-se diversos dirigentes do Partido e do Estado que, com as crianças participaram na sua festa.

«Juramos solenemente lutar pela criação das condições indispensáveis ao desenvolvimento feliz e harmonioso das nossas crianças e das gerações vindouras...».

Estas palavras ecoaram na tribuna do Congresso das Mulheres realizado em Paris em Dezembro de 1945, congresso que deu origem a uma organização combativa de massas: a Federação Democrática Internacional das Mulheres. Quatro anos depois, em 1949, a Federação dirigiu-se a todas as mulheres do mundo, com este apelo: celebrar todos os anos, no dia 1 de Junho, o Dia Mundial da Criança. Celebrar esse dia, para lembrar à sociedade a sua responsabilidade pelo destino e a educação da geração ascendente do nosso planeta.

A verdade é que, enquanto existir o imperialismo, haverá no mundo muitas crianças infelizes. Milhões de crianças morrem de fome, por causa das doenças ou por causa dum tra-

balho penoso e extenuante; há crianças que nunca frequentaram a escola; a criminalidade infantil, em vez de diminuir, aumenta em larga escala.

O estudo efectuado pela Comissão do Desenvolvimento Social da ONU considera trágico o facto de o número de crianças doentes, bem como de crianças subalimentadas, ou seja, esmoeadas, ter aumentado, em relação ao de há dez anos. Todos os trinta segundos, nos países em vias de desenvolvimento, nascem 100 crianças, das quais 20 morrem antes de atingirem um ano, e 60 das que sobrevivem não recebem assistência médica suficiente.

Segundo os dados da Organização Mundial de Saúde, um terço de todas as crianças em África morre antes dos cinco anos.

Na América Latina, em cada minuto morre de inanição uma criança de menos de 4 anos.

O 1.º de Junho, Dia Mundial tinha a ser um dos mais importantes da vida actual. Há hoje no mundo cerca de 890 milhões de analfabetos», disse Jacques Boisson, representante da UNESCO no seminário internacional de Alma-Ata.

Segundo os dados da ONU, em 373 milhões de crianças com idade escolar no mundo, só 115 milhões frequentam a escola.

As crianças sofrem terrivelmente com a repressão exercida pelos regimes reacçãoários e fascistas.

O regime fascista do Chile, por exemplo, transformou a vida do povo chileno num inferno. Um destino cheio de sofrimentos está reservado aos mais jovens. Nas ruas das cidades chilenas, vagueiam multidões de mendigos, com as suas crianças. Em cada 100 trabalhadores, 15 estão desempregados, vivendo as suas famílias na miséria.

O 1.º de Junho, Dia Mundial da Criança, é considerado pela opinião progressista de todo o mundo como uma etapa importante na luta por uma infância feliz.

Vivemos num século notável de enormes transformações sociais, século da revolução científica e técnica. Neste contexto, o problema da educação da nova geração adquire uma importância muito particular. As nossas crianças, as que nasceram há pouco e as que frequentam o primeiro ano da escola, viverão e trabalharão no século XXI.

BISSAU SEM LUZ

«Corremos riscos de ficar sem luz durante algum tempo em Bissau, se uma das duas bombas que ainda estão em funcionamento avariarem», declararam ontem à nossa reportagem técnicos da Central Eléctrica.

Na altura, tentavam reparar uma avaria nas electro-bombas dos motores geradores da Central, semelhante à ocorrida ainda há alguns dias, na capital. A nova avaria provocou a interrupção do fornecimento de energia eléctrica em toda a cidade no período compreendido entre as 15,30 e as 19 horas.

Segundo a opinião dos técnicos, esta avaria tem-se repetido devido «à péssima montagem de uma máquina efectuada seis meses atrás». Agora, a única possibilidade, quando surge a avaria, é reparar as peças inutilizadas, com a ajuda das oficinas navais, «pois encomendámos peças para substituição, ao estrangeiro, há mais de um ano, e ainda não as recebemos».

CONFERÊNCIA SOBRE "HABITAT"

O Presidente da Câmara Municipal de Bissau, camarada Juvêncio Gomes, dirige a delegação do nosso país à Conferência das Nações Unidas sobre o «Habitat», inaugurada na terça-feira em Vancouver, na Colúmbia britânica. Participam na reunião, inaugurada pelo Primeiro-Ministro canadiano, Pierre Trudeau, e pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, 400 delegados representantes de 130 países e movimentos de libertação.

No encontro de Vancouver serão discutidos, de um modo global, problemas relacionados com o meio ambiente e as condições de vida dos agregados humanos. Os resultados sobre questões tais como a habitação, o abastecimento de água, a saúde, serão comunicados à Assembleia Geral das Nações Unidas e aos Governos dos diferentes países.

RESPONDE O POVO

LEIS DO CASAMENTO: CONCORDA?

Pondo fim a uma série de leis deixadas pelos colonialistas, que não estavam de maneira nenhuma de acordo com os objectivos da sociedade que vamos construir na nossa terra, a Assembleia Nacional Popular aprovou, recentemente, algumas disposições sobre o casamento. Dizem elas respeito, fundamentalmente, à legalização do casamento não-formalizado e do divórcio. «Nô Pintcha» safu à rua e procurou saber se as pessoas abordadas estão de acordo com a legislação aprovada:

JOSÉ DOS REIS
(Trabalhador)

«Efectivamente, entendo que as novas disposições governamentais irão facilitar extraordinariamente a união entre pessoas de sexos opostos. A lei sobre o casamento irá possibilitar que as pessoas que vivem em comum há muito tempo tenham os mesmos direitos que as que foram ao Registo. A lei do divórcio possibilitará a separação do casal, por motivos realmente comprovados».

MARIANA DJÚ
(Doméstica)

Eu concordo inteiramente com a lei do casamento não formalizado. Simplesmente, no nosso contexto social (do após guerra, se assim se pode chamar), não sei até que ponto as pessoas compre-

endem a verdadeira interpretação dessa lei. Porque conheço pessoas que são casadas formalmente, que não respeitam o casamento, vivem duas pessoas na mesma casa não um casal, isto na parte do casamento formal. Há pessoas que não são casadas formalmente mas que respeitam o casamento e que sabem que é do casamento que se forma a família que é a base de qualquer sociedade».



LUÍS ALBERTO DELGADO
(Funcionário)

«Estou em pleno acordo com as leis aprovadas pela Assembleia acerca do casamento. Aprovo a lei do casamento não formalizado porque acho que um casal que teve um certo tempo vivendo junto, considerando-se como marido e mulher, embora não cumprindo a lei do casamento, é a mesma coisa que um par casado porque têm as mesmas responsabilidades. Concordo plenamente com as leis do divórcio porque um casal quando está consciente de que já não pode viver junto por várias razões, a melhor solução é o divórcio evitando assim futuras consequências».



NO PINTCHA

Orgão do Comissariado do Estado de Informação e Turismo
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2680

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400000

6 meses 250000

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500000

6 meses 300000

Serviços de Distribuição

e Vendas de «NÔ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «CENTRAL» Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

AMANHÃ — «HIGIENE» Rua António N'Banca, telefone 2520.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2888/2867

Bombas — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3338

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2822/5

RÁDIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIARIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — As 18,30 horas «O SOL LITARIO DA NEVADA» m/10 anos e às 20,45 horas «ADÃO AS SEIS DA TARDE» m/13 anos.

AMANHÃ — As 20,45 horas «ADÃO AS SEIS DA TARDE» m/13 anos.

Delegação do Partido visita o Vietname

Vinda de Cabo Verde, passou por Bissau a caminho do Vietname, uma delegação da República irmã de Cabo Verde, chefiada pelo camarada Olívio Pires, vice-presidente da Assembleia Nacional Popular e membro do Secretariado Permanente da Comissão Nacional do PAIGC de Cabo Verde, e composta ainda pelos camaradas José Tomás Veiga, membro da Comissão Nacional do PAIGC de Cabo Verde, Pedro Rolando Martins, responsável nacional da JAAC e Carlos Alberto Veiga, director nacional da Administração Interna.

«O nosso objectivo é procurar conhecer e estudar no máximo, a realidade e experiência vietnamita, experiência de um povo que nesta metade do século XX escreveu uma das mais brilhantes páginas da Revolução, sobretudo dos povos do Terceiro Mundo» afirmou à nossa reportagem o camarada Olívio Pires, à sua chegada ao aeroporto de Bissalanca.

São também objectivos desta delegação conhecer a realidade do Partido dos Trabalhadores do Vietname, a administração interna do país, sobretudo no aspecto de implantação do poder popu-

lar, a organização das Forças Armadas e para-militares, nomeadamente a milícia que é um aspecto que bastante interessa a Cabo Verde, sobretudo, como complemento das Forças Armadas, a experiência da juventude e de outras organizações de massas, em vias de organização no país irmão, e também a experiência do povo vietnamita no domínio da produção.

«Em resumo, pretendemos estudar a maneira como conseguem mobilizar o povo a participar realmente na construção da nação e do futuro, que para nós é um factor de suma importância, na medida em que não podemos ter uma independência real, e

grande desenvolvimento sem uma participação das massas populares nos processos desta nova fase de luta», afirmou aquele camarada acrescentando que a experiência do povo do Vietname poderá servir de exemplo ao povo de Cabo Verde salientando, no entanto, que os processos de aprendizagem em Cabo Verde devem ser críticos, em relação à experiência da realidade vingente pois como o camarada Cabral dizia, «temos que marchar com os pés fincados na realidade da nossa terra e não procurarmos nunca fazer a transplantação de outras realidades por mais belas que sejam».

3.ª Conferência sobre o direito marítimo

Esteve em Nova York em representação de Cabo Verde na 4.ª sessão da 3.ª Conferência das Nações Unidas sobre Direito Marítimo, o camarada Caldeira Marques, Juiz do Conselho Nacional de Justiça, acompanhado pelo camarada João Baptista Brites, Inspector Marítimo.

O camarada Caldeira Marques salientou que a Conferência tem um extraordinário interesse para todo o Mundo, em especial para os países ligados ao mar, como é o caso de Cabo Verde, até porque há um tratamento especial para os Estados arquipélagos. Ao falar da referida Conferência, o camarada Caldeira Marques disse: «O Direito do Mar é um direito novo que entra em linha de conta com conceitos novos. O problema das águas territoriais, esse é antigo, mas por exemplo, esta nova noção, esse novo conceito de águas arquipélagas em relação aos Estados arquipélagos, o problema do património comum da humanidade, que se refere especialmente ao alto mar e às possibilidades de exploração de petróleo e minérios da mais variada ordem, são conceitos novos».

O camarada Caldeira Marques frisou o apoio substancial que foi dado a Cabo Verde por vários países — Somália, Guiné, Conakry, Portugal, Senegal,

Brasil, Guiana, Filipinas — devido às posições defendidas por esta delegação, nomeadamente na intervenção feita na 2.ª comissão da Conferência.

Sobre os resultados das discussões disse:

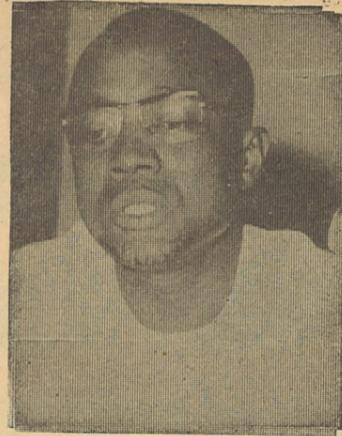
«Como é fácil de ver, o Direito do Mar é bastante complexo e trata de questões melindrosas. Assim, não foi possível ainda elaborar-se a tal convenção por que se vem batendo a Conferência. Há problemas verdadeiramente graves, como o dos países sem litoral ou países interiores e países sem situação geográfica desvantajosa em relação ao mar, e daí que haja essencialmente dois grupos: os países com litoral e os sem litoral ou de situação geográfica desvantajosa. Este é o problema fundamental que não tornou possível, ainda, um acordo».

O camarada Caldeira Marques manifestou a sua esperança de, na próxima sessão, a 5.ª, se poder já alcançar um texto que resolva as questões mais importantes e que estabeleça uma plataforma de entendimento entre os Estados interessados.

DELEGAÇÃO DA AGRICULTURA NA ARGÉLIA

A convite do ministro da Agricultura da Argélia, seguiu ontem para aquele país uma delegação do nosso Estado chefiada pelo camarada Samba Lamine Mané, comissário de Estado da Agricultura e Pecuária. Da delegação faziam parte os camaradas Avito José da Silva, secretário-geral do mesmo comissariado, José Manuel Buscardini, responsável da Granja de Prábis, e Nhama da Costa, responsável do departamento de horticultura.

Em Argel, o camarada Samba Lamine Mané assinará vários acordos com o governo argelino, nomeadamente no domínio marítimo.



Amílcar Cabral

“TER CONSCIENCIA DO QUE ESTAMOS A FAZER”

«Então vejamos agora: cinquenta, cem — porque se tivermos cem quadros formados na nossa terra, é muito, quadros bons — mas todos eles casados com brancas, todos eles com filhos só mulatos, vejam lá, nós não somos racistas, não somos contra os mulatos, nada disso, os mulatos são importantes na nossa terra, mas no começo da nossa vida, vemos o seguinte: os meninos mais bonitos da nossa terra, os meninos que vão à escola mais bem vestidos, que comem melhor, que andam melhor, etc., etc., seriam só mulatinhos e então teriam tendência para andarem só eles, juntos, porque as mães são só brancas, e elas também têm a tendência para andarem juntas».

Então o nosso povo, um dia diz assim: Que espécie de luta é esta? Vejam lá, o Cabral meteu-nos numa coisa bonita. As brancas dum lado, com os seus mulatinhos, e nós, filhos de pretos, não temos nada. Camaradas, nós sabemos isso. Isto é para vocês verem, sentirem claro, que o Partido não é contra, mas o Partido tem que fazer política a fundo para não passar nenhuma rasteira a si mesmo, para amanhã ficar aflito sem saber o que há de fazer.

Estas são algumas das razões importantes, profundas, da nossa posição nesta matéria, embora repita que, na medida em que a nossa terra avançar, nós próprios somos favoráveis à mistura com outra gente, porque está provado que aqueles que mais avançaram no mundo, são aqueles que mais se misturaram. Misturar plantas, misturar animais, misturar homens, é a maneira de fazer o homem progredir, do ponto de vista biológico, natural. Onde não há mistura, onde não há cruzamento, acaba por haver taras, enfraquecimento e o ser vivo é condenado a desaparecer a pouco e pouco. O cruzamento, a mestiçagem, é força. Todos os povos no mundo, são mestiços, não há nenhum povo que não seja mestiço. Os povos que não conseguiram fazer mestiçagem, em geral desapareceram na história.

A nossa posição é a posição da ciência, mas agora estamos a fazer política, temos que levantar o nosso povo primeiro, pô-lo no pé em que, quando alguém chegar com a sua mulher branca, ou se case fora e traz, ou se case dentro da nossa terra, a sua família não fique escondida, para não aparecer diante dela, porque tem vergonha. E vocês mesmos levam as vossas mulheres para um lado, para ela não ver a vossa mãe, porque a mãe tem panos, os pés feios, descalços, os sobrinhos todos com ranhos no nariz. A vossa mulher pode fazer-vos como fez aquela mulher alemã com um ganês com quem casou. Ela chegou foi ver a família no Ghana, viu as crianças e disse: — O quê, esses é que são os meus sobrinhos também? Não isso eu não posso suportar. Os alemães são muito limpos, higiene, não podem com as moscas, moscas no rosto das crianças, a chupar o ranho, camaradas. A mulher levantou-se, foi à Embaixada e disse que não podia, que gostava do marido, mas meninos com ranho, moscas como viu na casa daquela gente, isso não queria. E pediu para voltar para a sua terra.

Camaradas, isso é muito difícil. Temos que ter bem consciência do que estamos a fazer, para podermos agir com justiça, sem prejudicar ninguém, mas também sem prejudicar o futuro do nosso povo que está a ser conquistado com tanto sacrifício, com tanto sangue, com tanto sofrimento».

Em relação aos nossos estudantes, temos, portanto, que elevar o seu nível político, temos que reforçar o controle dos nossos estudantes, temos que ser agora rigorosos, mais rigorosos ainda com os nossos estudantes. Cada estudante que comete um erro grave no nosso Partido, na sua vida de estudante e de militante, fazemo-lo voltar atrás. Não devemos perdoar mais, não devemos permitir que os nossos amigos que nos dão bolsas nos levem a deixar os estudantes continuarem os estudos, quando eles são maus militantes do nosso Partido».

Santo Antão

Trabalhos de captação de água

A fim de contactar as populações responsáveis locais e inteirar-se dos problemas sociais existentes e do andamento dos trabalhos nas zonas, deslocou-se às zonas da Figueira e Ribeira Alta uma equipa constituída pelo responsável de Assuntos Sociais, Agricultura e Águas e responsáveis políticos do sub-sector da Graça-Figueiras.

O responsável dos serviços de Agricultura e Águas camarada António Sabino, esteve nas diversas frentes de captação de água onde contactou demoradamente os camaradas trabalhadores, orientando tecnicamente os trabalhos.

Entretanto, foram efectuadas nas duas zonas, reuniões de massa onde foram discutidos problemas relacionados com a vida das populações.

Por outro lado, foram também realizadas reuniões com os responsáveis políticos e de Assuntos Sociais, tendo sido formada uma Comissão de Acção Social em cada uma das zonas.

Para as crianças da Guiné-Bissau

Em comemoração do dia 1 de Junho, as crianças de Cabo Verde em espírito de fraternidade e de unidade enviaram às crianças do nosso país a seguinte mensagem:

«Camaradinhas guineenses:

As crianças de Cabo Verde pela primeira vez na história festejam livremente o dia 1 de Junho. O dia em que saímos pelas ruas alegres e cantando. Nessa alegria que estamos a festejar aqui, fazemos votos que o mesmo esteja a acontecer na Guiné, em toda a África e no mundo inteiro.

«Mas, no meio da alegria, sentimos um pouco tristes por faltar no nosso seio o grande amigo que lutou no meio de sacrifícios para que as crianças fossem livres e lhes fosse reconhecido a sua dignidade. Eis aqui as palavras desse grande amigo em que dizia que «a razão fundamental da nossa luta são as crianças e que somos as plantas que devem crescer nos campos já limpos e lavrados, regados com o sangue dos nossos combatentes».

Ministro da Defesa de Timor-Leste em Bissau

"O mais difícil foi começar mas agora estamos engajados na luta contra o invasor"

De passagem para Moçambique, encontra-se na nossa capital uma delegação da FRETILIN (Frente de Libertação do Timor Leste), chefiada pelo ministro da Defesa Nacional, membro do Bureau Político Militar e comandante das FALENTIN (Forças Armadas de Libertação Nacional do Timor Leste), Rogério Lobato, e da qual fazem ainda parte Olímpio Branco e Adeline Tilmor, ambos membros da FRETILIN e, respectivamente, secretário da delegação e secretária do ministro da defesa.

«A respeito da nossa visita à Guiné-Bissau eu queria afirmar que, estando de passagem para Maputo, aproveitei esta oportunidade, pois já há muito tempo que queremos contactar com os camaradas do PAIGC, que tiveram uma luta por todos nós conhecida em Timor. Portanto, aproveitámos a oportunidade de estabelecer contactos directos com os camaradas do PAIGC a fim de estudarmos algumas experiências suas, pois nós achamos que as experiências vividas por este povo durante a luta armada contra o colonialismo português nos servirão muito para a nossa luta neste momento contra o invasor indonésio, já que conseguimos vencer por completo o colonialismo português. De maneira que, durante esta minha estadia na Guiné-Bissau eu gostaria de contactar com os camaradas do PAIGC, sobretudo com os camaradas das Forças Armadas a fim de com eles trocar algumas impressões e experiências concretamente no campo militar, uma vez que essas experiências são muito válidas para o desenvolvimento da nossa luta», afirmou à nossa reportagem o ministro da Defesa Nacional do Timor, à sua chegada ao aeroporto internacional de Bissau, à frente da delegação que o acompanha nas suas deslocações ao nosso país e a Moçambique.

Acontece que Timor-Leste encontra-se numa das pontas deste anel que os imperialistas tentam criar no Sudoeste asiático com todas as suas forças e estão a envidar todos os esforços neste sentido.

«Relativamente à situação em Timor Leste, eu queria salientar que os generais indonésios planearam tomar o Ti-

mor-Leste em três dias, aliás eles dispõem de material para isso e são directamente armados pelo imperialismo. Os três generais estão a ser alvo de críticas muito severas por parte doutros generais dentro do próprio exército indonésio, surgindo assim divergências dentro do próprio exército indonésio por causa da grande resistência que o povo do Timor-Leste neste momento oferece ao invasor indonésio», disse o ministro referindo-se à determinação do seu povo em se resistir à invasão do inimigo que pensava anexá-lo em apenas três dias e afirmando que o mesmo povo está disposto a resistir mais dez anos, se isso for preciso.

«O mais difícil foi começar e nós neste momento estamos habituados, estamos completamente engajados na luta contra o invasor indonésio e consideramos a luta armada neste momento um problema do dia-a-dia em Timor Leste», garantiu o representante da FRETILIN, informando que, e ainda em relação à situação político-militar, apesar de todas as ofensivas feitas pelo inimigo, Frente controla mais de noventa por cento do território nacional, enquanto que os indonésios apenas controlam cerca de oito por cento do território, incluindo algumas vilas em Timor-Leste, a ilha de Etaur e o enclave de Ocussi, «uma espécie de Cabinda dentro do Timor Indonésio» que as forças da FRETILIN ainda não dispõem de meios para alcançar, como por exemplo barcos e aviões.

Referindo-se à tática empregado pelo inimigo e às baixas por ele sofridas desde o começo da invasão, salientou que actualmente o inimigo usa a tática de tomar as vilas porque estas têm estradas e pelas estradas podem fazer circular os tanques de guerra e os indonésios só vão até onde os tanques de guerra chegam, pois que, quando começam a entrar no mar ali são as FALENTIN que indicam o caminho por onde devem entrar. «Durante as emboscadas, o inimigo tem sofrido grandes baixas e, desde o começo da invasão, a FRETILIN já liquidou mais de dez mil indonésios», disse o ministro timorense para acrescentar que «isto é muito importante, para um regime fascista como é o do Suharto,

em que as contradições estão cada vez a aumentar, pois acontece que os hospitais na Indonésia estão completamente repletos de feridos e de doentes, sendo os familiares desses soldados proibidos de visitar os hospitais, isto porque certamente o regime teme que haja uma opinião pública favorável à luta em Timor-Leste. Mas acontece que nos últimos dias já houve uma grande manifestação de viúvas em plena capital, na cidade de Jacarta, o que é muito importante, sobretudo num país em que a repressão é muito grande», concluiu, afirmando que a Indonésia mantém o bloqueio a Timor-Leste, neste momento com cerca de quinze barcos de guerra, incluindo fragatas, sub-marinos e barcos de outra espécie, e que continua a fazer grandes investidas com a aviação, utilizando muito a artilharia pesada e armas bacteriológicas, e que «a verdade é que ela não teve nenhum resultado e nós neste momento controlamos a maior parte do território».

Quanto ao «referendo» organizado em Dili pelos indonésios através do seu Governo fantoche, para consumar a integração do Timor-Leste na Indonésia, a FRETILIN, no mesmo dia do referendo e «para demonstrar aos representantes dos países estrangeiros que por acaso estiveram lá presentes, a não passividade da frente e que ela não se lança neste momento em grandes ofensivas porque não convém à sua tática, lançou uma grande ofensiva a um porto, controlado por cerca de milhares de fuzileiros navais, artilheiros e infantaria, tendo sido feitos muitos prisioneiros. Também há pouco tempo, numa vila fronteiriça, foram liquidados cento e vinte e sete indonésios e no dia vinte de Maio, e em comemoração do aniversário da fundação da FRETILIN, foi realizado um ataque a um quartel dos indonésios em Topolula, entre a vila de Ermera e Aileu, tendo sido liquidado por completo o quartel, feitos muitos prisioneiros, sem contar com as baixas causadas e o material capturado».

Criminosos de guerra vão ser julgados

O fim do mito da "invenção"

O jornalista Wilfred Burchett assina na revista «Africa-Asia» um artigo sobre o próximo julgamento em Luanda de mercenários capturados pelas FAPLA. Pelo seu interesse reproduzimos o referido artigo:

Treze mercenários recrutados pela C.I.A. (dez ingleses, dois americanos e um argentino) vão comparecer brevemente, durante um julgamento público perante um Tribunal de Luanda. Entre eles, o célebre «coronel Callan», nascido em Chipre, e denunciado pelos sobreviventes britânicos do massacre como o responsável da execução de catorze dos mercenários que trabalhavam sob as suas ordens, em 14 de Fevereiro último. Tinha corrido o boato que «Callan» estava morto; mas, na realidade, foi capturado pelas forças do MPLA.

Este processo revestir-se-á, sem dúvida nenhuma, de uma importância histórica. Desenvolver-se-á na presença de uma comissão de observadores internacionais, cuja composição exacta e o papel continuam por definir. No banco dos réus, não haverá apenas os mercenários, perseguidos pelos crimes abomináveis de que os acusam os angolanos, e que reconhecem, aliás, os sobreviventes britânicos. Haverá também — mas infelizmente eles estarão fisicamente ausentes — aqueles que os contrataram para este sangüinário trabalho. É todo o problema da utilização dos mercenários, contra as lutas de libertação nacional que será portanto julgado. Estará também entre os acusados — mas ele também será julgado à revalia — Holden Roberto, culpado de ter pedido aos seus «patrões» da C.I.A. para porrem à sua disposição um exército de mercenários.

A C.I.A., os governos da Grã-Bretanha, da Bélgica, do Zaire, outros, que toleraram ou facilitaram o recrutamento, a partida ou o trânsito dos mercenários, serão fortemente embarçados — é o mínimo que se pode dizer — pelas revelações que surgirão durante o julgamento ou das investigações que deverá fazer a comissão internacional de observadores. Por outro lado, pode-se esperar que as condenações pronunciadas sirvam de dissuasão à actual campanha de recrutamento de mercenários para a defesa da Rodésia de Ian Smith e de outros regimes racistas brancos da África Austral.

Finalmente, a revelação e a denuncia das verdadeiras forças que dirigem o recrutamento e a utilização dos mercenários não terminarão com o julgamento de Luanda; Elas terão inevitavelmente prolongamentos na Grã-Bretanha e

nos outros onde o recrutamento dos mercenários foi particularmente intensivo.

APELO À C.I.A.

O recrutamento dos mercenários para Angola começou a partir de 4 de Janeiro, no momento em que as tropas regulares do exército zairota abandonaram subitamente Carmona (Uije), a «capital» do FNLA de Holden Roberto.

As forças de Mobutu, que se julgavam protegidas pelas «tropas» do FNLA, na realidade inexistentes do ponto de vista operacional, encontraram-se subitamente quase completamente cercadas por duas colunas do MPLA vindas do Sul. A surpresa foi total. Depois de terem metralhado as tropas de Holden, suspeitas de traição, as forças zairotas empreenderam combates na retirada que só terminaram depois de atravessada a fronteira. Foi então que Holden Roberto lançou o seu grito de angústia. Um representante da C.I.A. em Londres respondeu imediatamente.

Começaram então a recrutar mercenários a 150 libras esterlinas por semana, salário tanto mais aliciante que a maior parte dos candidatos eram marginais, até mesmo procurados pela justiça. Oficialmente, trata-se de ir «treinar forças anticomunistas em Angola». Na realidade, trata-se de matar ou de ser morto. Várias centenas de mercenários foram assim recrutados, imediatamente transportados por avião até ao Zaire via a Bélgica, embarcados em camiões, armados, e enviados logo para a primeira linha.

Segundo as testemunhas angolanos e portugueses que eu entrevistei no Norte de Angola, o essencial das actividades militares dos mercenários consistia em atirar sobre os civis e sobretudo sobre os soldados de Holden Roberto que fugiam e que eram considerados como desertores. Finalmente, foram utilizados contra os seus próprios congéneres. O seu baptismo de fogo realizou-se em S. António do Zaire, na margem sul do embocadouro do Congo.

Desde o primeiro confronto com as tropas do MPLA, eles tentaram fugir atravessando o rio em duas embarcações de borracha; uma delas foi pelo menos enviada ao fundo com os seus ocupantes. A segunda acção deu-se justamente no sul de Maquela do Zombo, a quarenta quilómetros

Os em Angola

"Invencibilidade" dos mercenários

da fronteira com o Zaire. Eles sofreram pesadas perdas, e foi essencialmente nesta região que eles tomaram por alvo os civis e os homens a soldo de Holden Roberto.

Uma das testemunhas que eu interroguei contou-me como comerciantes portugueses foram agrupados pela FNLA, vestidos de uniformes e impedidos a porem-se em marcha para deterem a ofensiva das tropas do MPLA.

Perante a sua recusa, foram despojados das armas e das suas fardas, e foram conduzidos a uma aldeia onde foram todos executados pelos mercenários. O «London Observer» de 4 de Abril publicou a este respeito uma entrevista reveladora de um dos mercenários, Peter McAlesee, que confirmou que cento e sessenta homens foram assassinados numa só aldeia angolana, por ordem do «coronel Callan».

O FIM DE UM MITO

Antigo sargento num regimento especial da força aérea, McAlesee acrescentou, falando de «Callan» e do seu próximo julgamento: **Ele nunca perdeu; não deve portanto esperar o mesmo. Ele merece a sorte que lhe está reservada. Causou-nos mais mal que o próprio inimigo...**

Na mesma entrevista, o antigo sargento contou que foi interrogado durante quatro horas pela Scotland Yard, no seu regresso a Inglaterra, no fim de Março, a propósito da execução dos quatorze mercenários:

«Eu disse-lhes tudo o que sabia. Fiz fotos da cena para os entregar às autoridades, porque eu sabia que este assunto iria suscitar um grande pé de vento...»

A questão é agora de saber se as autoridades britânicas vão pôr — como seria normal que fizessem — o resultado das suas investigações à disposição das autoridades da República Popular de Angola.

Em todo o caso, a história do sargento McAlesee é particularmente esclarecedora.

Com uma dezena de outros mercenários, foi recrutado em Hereford, a alguns 250 quilómetros a noroeste de Londres. Ora, é em Hereford que se encontra o quartel-general do «Special Air Force Regiment» (mais conhecido sob o nome da S.A.S.), que reagrupa unidades do tipo comando, especificamente treinadas para operações «anti-insurrecionais», incluindo casos de «estado de urgência» na Grã-Bretanha. São os excluídos ou os inadaptados destas unidades que constituem reser-

vatória privilegiado onde são escolhidos os mercenários.

Que este recrutamento prossegue hoje ainda, a televisão britânica forneceu a prova mesmo no dia em que McAlesee fazia as suas revelações ao «London Observer». Um mercenário recentemente recrutado explicou com efeito diante do écran que ia partir para a Rodésia para uma operação de comandos que lhe tinha sido paga a 400 libras esterlinas. Aparentemente, tratava-se de uma acção de sabotagem contra as vias de comunicação (pontos ou caminho de ferro), ou de um «raid» contra um campo de treino da guerrilha no interior de Moçambique.

A utilização de mercenários em África apoia-se na concepção racista segundo a qual «os brancos combatem melhor». Este mito desenvolveu-se largamente durante as intervenções contra a luta de libertação nacional no ex-Congo belga. Uma certa aura de invencibilidade tinha sido criada à volta dos mercenários que serviam na altura sob as ordens de um oficial inglês — o «Gallan» da época — o major «Mad Mike» Hoara. Estes mercenários operaram contra as forças agrupadas à volta do líder progressista Patrice Lumumba, que estavam desprovidas de todo o material de guerra moderno. Nestas condições, os mercenários puderam vencer sem riscos, e «Mad Mike» Hoara transformou-se na figura de herói aos olhos dos racistas brancos.

Este mito da «invencibilidade» dos mercenários brancos, como o da irresistível potência do exército sul-africano, foi reduzido em pedaços em Angola, sob os golpes do MPLA e dos seus aliados. Desde que os mercenários tiveram que defrontar um exército comparável ao seu e a um nível consideravelmente mais elevado de motivação ideológica e patriótica, que era o dos combatentes da independência, a sorte deles esfumou-se.

O julgamento de Luanda deverá dar a este mito o golpe de mesericórdia. E servir de germen à mobilização da opinião mundial contra estas concepções e estes métodos ultra-reaccionários.

CONFERÊNCIA MINISTERIAL EM S. TOMÉ

Grande convergência de pontos de vista em clima de perfeito entendimento

● Prevista a realização de uma cimeira em Luanda

(Continuação da 1.ª página)

verdade para os participantes um documento orientador dos trabalhos da Conferência.

A Conferência começou por fazer um balanço das tarefas realizadas pela CONCP, (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) integrada pela FRELIMO, MLSTP, MPLA e PAIGC, organizações políticas dirigentes dos países participantes, pondo a seguir em relevo o papel histórico desempenhado por esta organização e o desenvolvimento e coordenação das nossas lutas de libertação nacional, que culminaram com a vitória final contra o colonialismo português.

A Conferência reconheceu a importância decisiva do espírito unitário que sempre presidiu às relações entre as delegações participantes, dando especial relevo à necessidade do reforço desta unidade na fase presente das nossas lutas económicas e da reconstrução nacional.

A Conferência precedeu a uma troca geral de informações sobre a situação existente em cada um dos países, assim como a análise da conjuntura africana e internacional. Nessa análise, ressaltou a necessidade de uma vigilância permanente e revolucionária para consolidar a independência nacional e garantir os êxitos já alcançados na construção da nova sociedade que não permita a exploração do homem pelo homem.

No que se refere mais particularmente à situação africana e internacional, a Conferência considerou também a situação favorável existente para as lutas de libertação nacional em África e para as forças progressistas no mundo, recomendou a intensificação da coordenação dos esforços das organizações e governos participantes, com o fim de reforçar a sua contribuição à paz ao progresso e à justiça em África e no mundo e para o estabelecimento de uma nova ordem económica internacional.

A Conferência reconheceu o papel importante desempenhado pelas nossas lutas no processo de libertação total e da unificação da África.

A Conferência reconheceu ainda que, nesta fase da reconstrução nacional, as organizações dos governos participantes deverão cooperar estreitamente em todos os domínios que interessem ao desenvolvimento da solidariedade anti-imperialista e à complementaridade da economia dos nossos países, a fim de poder fazer da independência nacional um instrumento real do melho-

ramento das condições de vida das massas populares.

Com o objectivo de reforçar essa cooperação, a Conferência recomendou a realização de encontros a nível de ministros e de chefes de Estados, assim como reuniões e propostas de colaboração. A Conferência regozijou-se pelo elevado espírito de responsabilidade militante que presidiu aos trabalhos, tendo registado com satisfação a grande convergência de pontos de vista sobre as matérias debatidas e o clima do perfeito entendimento e fraternidade entre os participantes.

As delegações da República Popular de Angola, da República de Cabo Verde, da República da Guiné-Bissau e da República Popular de Moçambique, exprimiram os seus agradecimentos aos esforços realizados pelo MLSTP, pelo Governo e pelo povo da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, tendo possibilitado uma perfeita organização dos trabalhos e uma hospitalidade à altura das relações tradicionais privilegiadas que sempre existiram entre as nossas organizações e os nossos povos.

O DISCURSO DE PINTO DA COSTA

Na sessão de encerramento, o Presidente do MLSTP e da República Democrática de São Tomé e Príncipe, caramada Pinto da Costa, pronunciou o seguinte discurso:

«Dirijo-me a vós, depois chegado o final desta reunião histórica que se realizou aqui na capital da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, representantes dos povos, governos, partidos e dirigentes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe.

Na sessão inaugural de primeiro encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros das ex-colónias portuguesas, tivemos a ocasião de os dizer camaradas delegados, quão grandes eram as esperanças que em vós depositavam os nossos povos. Conhecendo bem o mérito pessoal e o ardor revolucionário que cada um de vós tem posto na concepção na elaboração e execução das tarefas que lhes são cometidas no seio do partido e do Estado estávamos plenamente conscientes que as perspectivas eram altamente satisfatórias. Não fomos iludidos na nossa convicção.

Com efeito, a leitura do comunicado final, que sanciona os debates, é eloquente podemos por ele a avaliar a aptidão e a

densidade dos trabalhos executados em três dias e é com sincera satisfação que vos felicitamos pelos resultados obtidos. Os pontos que foram referidos na agenda das vossas discussões, são reveladores, não apenas das nossas preocupações comuns mas também da consciência clara que temos da necessidade de dar um novo conteúdo as relações precisas entre os nossos povos ao longo de vários anos de sofrimento e da luta aturada pela reconquista da liberdade e da independência.

Durante este período, a coordenação dos nossos esforços foi sem dúvida o estatuto primordial da vitória contra o colonialismo. Hoje, a conjugação das nossas forças aparece como uma necessidade vital para a consolidação das nossas independências, condição de base para assegurar o triunfo do projecto revolucionário que proporcionará às nossas populações o progresso, a paz e bem estar material e moral a que elas aspiram.

Esta conjugação de forças, que se fará através de consultas permanentes entre todos os países, permitir-nos-á harmonizar as nossas relações e criar o espírito de complementarismo apropriado a uma cooperação futura e exemplar entre os nossos cinco países. É certo que as nossas realidades são distintas e são distintos também o peso da herança colonial e as disponibilidades naturais e humanas de que dispomos, que cada qual pode mobilizar no campo da batalha pela reconstrução nacional.

Essa circunstância porém, nunca foi e não poderá ser factor desmobilizador na decisão da nossa política, na consolidação das nossas relações. A pertença a zonas geográficas diferentes não constitui obstáculo na cooperação frutuosa e eficaz entre os nossos países. Assim como tal cooperação não constitui uma barreira limitativa dos nossos movimentos, em direcção a outros horizontes.

Desejo-vos um bom regresso aos vossos lares e às vossas ocupações e peço-vos transmitir aos camaradas Presidentes Agostinho Neto, Aristides Pereira, Luiz Cabral e Samora Machel, aos dirigentes e militantes do MPLA, do PAIGC e da FRELIMO, aos povos irmãos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique, as mais sinceras e fraternais saudações revolucionárias do MLSTP, do Governo e do povo da República de São Tomé e Príncipe.

A luta continua».



À MANEIRA DE EDITORIAL

Que possam os jovens acompanhar a evolução da nossa sociedade, como a vanguarda do nosso Partido.

Damos conta do novo ambiente já criado no liceu este ano, onde temos verificado da parte dos jovens, em qualquer região mas, particularmente, aqui em Bissau, em que é muito maior o número de jovens, uma consciência muito maior do que a do ano anterior, consciência e interesse no trabalho político do Partido, interesse nos problemas políticos.

Vimos o grande entusiasmo que houve da parte de todo o nosso povo, mas particularmente da juventude, com a vinda do nosso camarada Agostinho Neto, todo aquele entusiasmo então demonstrado. Isso mostra-nos o nível da consciência política das nossas gentes e toda a solidariedade profunda que criámos com a luta do povo de Angola, mas com todas as lutas de libertação e que não ficámos contentes só com a libertação da nossa terra, mas que continuamos a viver com a mesma intensidade a luta de todos os povos que querem a sua liberdade e a sua independência. Portanto, podemos felicitar todos os camaradas, por este ambiente político melhor que encontramos em todos os liceus, em todas as regiões, e felicitar os jovens pela sua nova consciência responsável e um interesse pelo estudo dos problemas da nossa luta e do nosso Partido, porque nós achamos que isso é fundamental. Se não fizermos isso no seio da juventude, tudo quanto fizermos hoje pode estar comprometido. Se não conseguirmos fazer da JAAC um grande instrumento do nosso Partido, que reúna no seu seio todos os jovens conscientes, pode ser que tudo quanto fazemos hoje, amanhã venha a estragar-se.

Portanto, é preciso que os jovens se interessem profundamente pelo nosso Partido, pela nossa luta, pela luta de outros povos no mundo, pelos nossos problemas de toda a natureza. Que possam os jovens acompanhar a evolução da nossa sociedade, que a juventude possa continuar como a vanguarda do nosso Partido, como o foi durante a luta de libertação nacional.

LUIZ CABRAL

Organização escolar

As relações humanas e a Dinâmica de grupo na Escola

No princípio do ano, o professor, recebe na sua aula um grupo de alunos e estes com ele irão formar um novo grupo humano.

Neste grupo existe um chefe legalmente imposto, o professor, que não foi livremente eleito pelos alunos e, nem aquele escolheu os seus alunos.

Neste grupo humano, durante o tempo de permanência na escola, em que há sempre qualquer coisa a fazer em comum, começam a estabelecer-se relações pessoais, que irão mudando a estrutura do grupo à medida que possa o tempo, e, o que se for passando acentuar-se-á cada vez mais profundamente.

Assim observamos que, à medida que se vai aproximando o final do ano lectivo, são profundas as mudanças tanto nas relações afectivas como efectivas nos alunos entre si e, entre estes e o professor.

A dinâmica do grupo supõe diferentes capacidades em cada pessoa, pelo que a inter-relação entre os distintos membros permite aos menos capacitados, resolver os problemas pela ajuda que recebem dos mais capacitados.

Quando uma pessoa toma parte de um colectivo, considera os seus actos sempre no respeito que deve aos demais membros do grupo. As normas que regem a conduta individual relacionam-se inevitavelmente com o grupo. Quanto mais consciência de grupo tenha um indivíduo, mais ardentemente trata de executar correctamente as suas acções.

A aprendizagem de como realizar bem um trabalho, é a aprendizagem de como se bem organizar.

A organização é pois, num sentido mais amplo, o denominador comum da vida social do homem e deverá estar determinada e subordinada ao tipo de sociedade existente.

Devemos inculcar, meter no espírito de cada um, a certeza da nossa vitória. Esse é um acto cultural também, camaradas. Aguentar cada um, para não desistir nunca, para não desesperar diante de nenhuma derrota, porque não há luta que não tenha derrotas. Na nossa luta também há derrotas, mas isso faz parte da luta, por isso é que é luta. Mas devemos levantar cada dia mais a confiança na vitória, devemos fazer tudo para desesperar o inimigo, para desesperar os agentes do inimigo, para lhes mostrar que não há maneira, ele vai perder de certeza. Isso é que é cultura, camaradas.

AMÍLCAR CABRAL

Instituto Técnico de formação profissional

O Instituto Técnico de Formação Profissional é um organismo de concepção, experimentação de Formação e de assistência de uma Política Nacional de Formação Profissional adaptada às necessidades resultantes do desenvolvimento de Economia Nacional.

Terá como objectivos a curto prazo:

- Formar instrutores capazes de formarem operários especializados qualificados e Técnicos Médios.

- Dar Formação Geral orientada para a Formação Profissional a nível de operários especializados e qualificados.

A longo prazo:

- Aperfeiçoamento dos operários;

- Formação Profissional contínua para toda a gente;

- Ampliação das famílias pro-

fissionais previstas para o seu começo, em função das necessidades do país.

O Instituto precisa da sua participação:

Se tiver como mínimo:

- O 3.º ano dos cursos de Mecânica, Electricidade e Comércio;

- Um ano de prática profissional.

Esse é o nível mínimo exigido para a sua formação como Instrutor do I. T. F. P.

O Instrutor é o Técnico capaz de transmitir os seus conhecimentos profissionais.

A sua Formação Técnica e Pedagógica será assegurada pela I. T. F. P.

A sua dedicação e aproveitamento poderá promovê-lo a Instrutor de Técnicos ou Instrutor principal.

A data limite da inscrição é de 3 de Julho.

A HISTÓRIA DO DESPORTO — O atletismo —

Desporto Olímpico desde 1896

A mais pura das disciplinas olímpicas vem desde os primeiros tempos do homem no nosso planeta.

Para repousar o homem transforma as suas ocupações mais simples em actividades desportivas, as suas armas de guerra em instrumentos de jogos.

Até aos nossos dias o atletismo tem-se transformado no desporto-rei dos ídolos dos estádios.

As competições dos nossos contemporâneos ultrapassaram já em muito as dos antigos vencedores de Olímpia.

Enigma ainda não decifrado na história do mundo, o desaparecimento do atletismo por um pe-

ríodo de oito séculos desde o édito de Teodósio o Grande que extinguiu as Olimpíadas no ano de 393 da nossa era.

Guilherme o Conquistador no século XII em Inglaterra faz reaparecer o atletismo e, desde então, ele nunca mais se separa da história do próprio desporto.

O ressurgir dos Jogos Olímpicos colocou o atletismo em lugar de honra.

Graças às Olimpíadas e às experiências que nelas se vêm realizando, conseguem-se hoje marcas fabulosas nas provas de atletismo, que nos deixam hoje maravilhados e perante esta questão: — Até onde conseguirá o Homem melhorar os valores já atingidos?

CONTOS E LENDAS DA NOSSA TERRA

Porque é que o sol não aparece senão de dia?

Há muitos, muitos anos atrás o Sol e os homens viviam como amigos. Mas os homens foram-se tornando ingratos para com o Sol, que tão grandes serviços lhes prestava.

E a questão que opôs o Sol aos homens surgiu da seguinte maneira:

— «Um dia, houve uma festa na tabanca. Mas desde o romper do dia que chovia e o céu estava negro como o chumbo. A chuva parecia nunca mais querer acabar de cair.

Então, o Sol, sempre amigo, apareceu e com o seu calor afastou as núvens, a chuva e a escuridão para grande alegria de todos.

Terminada a festa, o Sol pediu aos homens um frango como recompensa.

Mas os homens muito satisfeitos com o que tinham comido e bebido e, já muito cheios de sono, não se quiseram dar a esse trabalho e, recusaram.

Irritado o Sol rompeu então os homens, que, a partir daí ficaram condenados a viver sempre na escuridão.

E assim se passaram muitos e muitos anos. Quando a sua aflicção, por viverem às escuras, era já tão grande que não sabiam o que fazer, os homens decidiram ir ter com o Sol e implorar o seu perdão.

Mas porque sabiam que o Sol estava zangado com eles, confiaram essa missão ao seu companheiro mais fiel, o cão. Mas este não foi bem sucedido.

Finalmente os homens decidiram mandar um galo. Este mais esperto que os seus companheiros e também muito lisongeador, agarrou numa tocha acesa e pôs-se a caminho cantando louvores à glória do rei Sol.

Sensível a esta homenagem, o Sol recebeu com amizade o pequeno cantor e disse-lhe:

— O teu canto agradou-me, os meus ouvidos ficaram encantados. Volta para junto dos homens e diz-lhes que estejam tranquilos. De cada vez que tu cantares, eu levar-lhes-ei a minha luz.

Mas deixo a noite à minha irmã a Lua».

A venda pela França de centrais nucleares aos racistas

MOSCOVO (AFP) — A agência Tass acusou na terça-feira a França de dar à República Sul-Africana «o acesso às armas nucleares» a coberto da assinatura de um contrato sobre a construção de uma central eléctrica nuclear francesa na RSA.

«Procurando justificar esta transação», escreve a Tass, alguns jornais parisienses indicam que o contrato contém o compromisso da RSA de não utilizar as centrais nucleares a não ser para fins pacíficos. Mas, acrescentou, essas certezas dos racistas não poderão tranquilizar nem enganar a quem quer que seja».

É a primeira reacção da União Soviética à assinatura deste contrato franco-sul-africano.

«Certamente, acrescentou, uma central nuclear não é uma bomba atómica. Mas a transferência aos racistas sul-africanos dos conhecimentos no domínio da física nuclear e da tecnologia da fissão do combustível atómico as entregas de combustíveis nucleares, tudo isso facilitará, sem dúvidas, o acesso dos racistas às armas nucleares».

NÃO-ALINHADOS ESTÃO REUNIDOS EM ARGEL

EM PREPARAÇÃO A CIMEIRA DE COLOMBO

ARGEL (AFP) — O primeiro dia de reunião do Bureau de Coordenação dos países membros do Movimento dos Não-Alinhados terminou no passado domingo a tarde em Argel depois da adopção da ordem do dia.

Abdelaziz Bouteflika, ministro argelino dos Negócios Estrangeiros que tinha aberto a sessão por um discurso no qual ele sublinhou que o grupo dos Não-Alinhados devia empenhar-se na procura de uma real segurança internacional.

Salientando que o grupo dos não-alinhados engloba actualmente a quase totalidade dos países do Terceiro Mundo, Bouteflika declarou por outro lado que assiste-se actualmente a «um aumento das investidas imperialistas que querem deter a emancipação do Terceiro Mundo, alternando a mentira e o bastão».

Segundo o ministro argelino, chegou a hora das grandes explicações e a próxima reunião de Colombo (Sri Lanka) segundo ele permitirá aos países não-alinhados fazer o seu balanço e de reconstituir o seu programa de acção. Trata-se, disse Bouteflika, «de redefinir e de melhor abordar os problemas tanto políticos como económicos».

O Bureau retomou os seus trabalhos na segunda-feira passada em comissão e em sessão plenária com o exame dos seguintes pontos:

Situação internacional, preparação da 5.ª cimeira e projecto da ordem do dia, constituição do Bureau da Conferência, organização dos trabalhos e admissão de novos membros entre os observadores e os iniciados.

O Bureau de Coordenação do Movimento dos países não-alinhados é composto pelos representantes de 17 países (Argélia, Guayana, Índia, Jugoslávia, Cuba, Koweit, Libéria, Malásia, Mali, Senegal, Nepal, Perú, Somália, Sri Lanka, Síria, Tanzânia, e Zaire). Ele foi formado durante a 4.ª conferência na cimeira que decorreu em Setembro de 1973 em Argel.

Dez países do Movimento estão representados na qualidade de observadores nesta reunião de Argel (Afganistão, Indonésia, Jamaica, Iraque, Chipre, República da Guiné, República Popular Democrática da Coreia, Campúchea, República Democrática do Vietnã, República Democrática do Yemem).

A QUESTÃO DO SAHARA DEBATIDA EM ARGEL

ARGEL (AFP) — O assunto do Sahara Ocidental foi evocado pela primeira vez na reunião do

Bureau de Coordenação dos países não-alinhados, que se realiza desde domingo em Argel pelo delegado argelino, Abdelatif Rahal, ao convidar os países não-alinhados a concederem ao povo sahariano o seu apoio para lhe permitir «exercer soberanamente» o seu direito à autodeterminação.

Após ter recordado que este direito tinha sido «reconhecido e reafirmado durante os anos tanto pelo Movimento dos Não-Alinhados e como pelo conjunto da comunidade internacional», Rahal declarou que «não será somente injusto, será extremamente grave para a credibilidade do nosso grupo e dos nossos princípios fundamentais, que renunciemos a conceder ao povo sahariano o apoio que sempre lhe concedemos, para lhe permitir exercer soberanamente um direito que ninguém lhe pode negar».

O delegado argelino fez um balanço positivo das múltiplas acções do grupo dos não-alinhados sobre o plano internacional, fazendo notar, entretanto, que as crises no Médio Oriente e de Chipre, sobre as quais os não-alinhados se tinham pronunciado por diversas vezes «não tinham ainda sido encontradas as soluções». Exortou os países não-alinhados a condenarem firmemente «as intervenções estrangeiras junto dos governos da Guayana, Jamaica e Barbades» e a exprimir a sua solidariedade «com os povos e os governos desses países», sublinhando que «as ingerências nos seus próprios assuntos constituem uma ameaça à nossa soberania e à nossa segurança».

Rahal evocou igualmente o problema de novas adesões ao grupo dos não-alinhados, sublinhando a necessidade de aplicar a esse respeito «critérios estritos e uma aplicação flexível».

LÍBANO Prosseguem os combates

BEIRUTE (TASS) — Prosseguem no Líbano combates encarniçados com a utilização de todos os tipos de armas.

Na segunda-feira foram bombardeados, de novo, vários bairros, e tiveram lugar nos arredores da capital Shiah, Ain Arumman, Hadás, Leilaki, trocas de tiros.

As hostilidades prosseguiram nas montanhas a leste da capital e na região da cidade de Zahle. No norte do país perto da cidade de Tripoli foi realizado entre os beligerantes um cessar-fogo provisório.

Segundo os jornais durante as últimas 24 horas contam-se em Beirute mais de 180 mortos e perto de 400 feridos.

O presidente Elias Sarkis prossegue contactos com os representantes de diferentes grupos políticos, com o fim de procurar uma resolução política da crise. Nos meios políticos de Beirute estuda-se a possibilidade de negociações entre os beligerantes numa «mesa redonda». Exprime-se a opinião de que a possibilidade de semelhantes negociações torna-se real, porque esta ideia foi apoiada pelas forças nacionais patrióticas, assim como pelos dirigentes dos partidos da direita, Gemayel e Chamoun.

EM DAR-ES-SALAM

COMITÉ DE LIBERTAÇÃO DA OUA PEDE APOIO AOS COMBATENTES DE ZIMBABWE

DAR-ES-SALAM (TASS) — Abriu na capital tanzaniana a 27.ª sessão do Comité de Libertação da Organização da Unidade Africana (OUA). Ela examinará as questões respeitantes à libertação definitiva do continente dos regimes racistas e coloniais. Os participantes à sessão dispensarão uma atenção particular à luta dos patriotas do Zimbabwe contra o regime racista de Smith, para o estabelecimento de um governo de maioria, detendo-se sobre a situação na Namíbia, onde se desenrolam combates contra a ocupação ilegal do país pelas tropas da República da África do Sul. O Comité de Libertação, cujos trabalhos prosseguirão até 4 de Junho, examinará igualmente o relatório sobre Djibouti elaborado pela missão de investigação enviada pela OUA, assim como questões políticas, militares, administrativas e financeiras.

A sessão foi inaugurada pelo primeiro vice-presidente da Tanzânia, Abdou Jumebe. O orador sublinhou a necessidade da unidade dos movimentos de libertação do Zimbabwe e da Namíbia, e exortou à luta armada dos patriotas pela libertação.

DAR-ES-SALAM (AFP) — Aboud Jumebe, primeiro vice-presidente da Tanzânia, lançou na segunda-feira à noite, em Dar-Es-Salam, um apelo cerrado aos delegados do Comité de Libertação da OUA para que concedam futuramente o seu apoio exclusivo ao braço armado do movimento de libertação do Zimbabwe.

No seu discurso de abertura da 27.ª Sessão do Comité de Libertação, Jumebe declarou, nomeadamente, que os dirigentes políticos da ANC (Conselho Nacional Africano) «não conseguem mais parar a luta armada», condenando assim, pela primeira vez oficialmente, as facções de Joshua Nkomo e do bispo

Abel Muzorewa. Este último, que assistia à sessão inaugural, tinha recebido até aqui o apoio oficial da OUA, na qualidade de dirigente da ANC.

Os dirigentes dos países da «frente», Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Botswana, acrescentou Jumebe, apoiarão os combatentes do exército de libertação através do Comité de Libertação «para impedir que o Zimbabwe se torne numa nova Angola».

Após ter desenvolvido o mesmo tema no mesmo sentido, Eteki

BENIN

Transformações progressistas em curso

MOSCOVO (TASS) — As mudanças que se operam na República Popular de Benin traduzem a tendência característica da evolução do movimento de libertação nacional em África, atestando que numerosos povos deste continente aspiram em acabar de uma vez com a sua dependência em relação ao imperialismo e que eles acalentam cada vez mais o sonho de uma nova vida com a utilização da experiência revolucionária mundial.

Esta conclusão foi feita no «Pravda» por Mikhail Zenovitch que comentou o balanço do primeiro Congresso extraordinário do Partido da Revolução Popular do Benin, congresso que se realizou recentemente e que constitui, segundo o autor do artigo, uma etapa importante na vida do povo deste país.

O comentador escreveu que o Congresso erigiu uma organização política absolutamente nova pelo

Mboumoua, Secretário-Geral da OUA, criticou vivamente a França pelo «retalhar cínico das Comores» e exigiu para o Djibouti «eleições com vista a designar os representantes legais e legítimos do povo, sem truques, pressões e manobras».

Por outro lado, a política comercial da França com a África do Sul foi criticada por vários oradores, nomeadamente Lucas Pohamba, representante da SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano), que pôs em causa as vendas de armas e de material nuclear francês a Pretória.

seu carácter, e que até agora este país africano não possuía.

O autor do artigo escreveu que a reorganização do Partido da Revolução Popular do Benin no plano ideológico e na sua estrutura é a consequência lógica das transformações que se produziram nessa república desde o mês de Outubro de 1972 quando jovens oficiais patriotas tinham tomado o poder nas suas mãos.

Entre estas transformações progressistas, o autor cita a criação de um sector público nos ramos chave da economia nacional, a mudança do antigo aparelho de estado herdado da época colonial.

O programa adoptado pelo congresso prevê a liquidação total da dominação imperialista no país e a criação de uma economia nacional verdadeiramente independente, escreveu em conclusão o comentador do «Pravda».

REUNIÃO DA C. E. A.

ADDIS-ABEBA (TASS) — A 14.ª sessão do Comité Executivo da Comissão Económica da ONU para a África começou na segunda-feira passada na Casa de África na capital etíope. A sessão discutirá o programa da actividade para 1976-1981 problemas do desenvolvimento económico e social dos países do continente e da preparação da próxima sessão da Ecosoc, que deve ser realizada em Abidjan.

O Comité Executivo examinará o estado de economia dos países africanos em 1975, nomeadamente, a influência da situação económica mundial sobre a economia da África e, em particular, a repercussão que teve a recessão económica do Ocidente sobre as exportações dos países membros da CEA. O relatório que será apresentado acerca destas questões evocará igualmente a necessidade de criar um novo sistema justo de relações internacionais nos domínios da economia e do comércio.

CHILE: MISÉRIA E DESEMPREGO

BUENOS-AIRES (TASS) — Mais de 8.500 ferroviários estão sem trabalho depois da redução considerável pela Junta fascista dos créditos atribuídos para a manutenção dos caminhos de ferro, declarou ao jornal chileno «Tercera de la Hora» Ernesto Foguel, Presidente da Federação Nacional dos Ferroviários. Desde Outubro de 1973 o número dos empregados dos caminhos de ferro reduziu-se de 27.000 para 19.000.

O seu salário não atinge o mínimo vital, sublinhou o Presidente do sindicato dos ferroviários.

